



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A GEOGRAFIA ESCOLAR: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA E O ENSINO NA SALA DE AULA

Autora: Maria do Socorro Guedes

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) - socorrogedes4@gmail.com

Sílvio César Lopes da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) - sclopes2@yahoo.com.br

Maria Islany Caetano de Souza

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - islanydesouza@hotmail.com

Resumo:

A geografia escolar tem seguido uma longa linha cronológica de acontecimentos que marcaram à sua maneira de ser conduzida dentro das escolas e pensando este espaço, ela é uma forma de dizer algo deste mundo. Neste trabalho, apresentamos um resgate histórico sobre esta disciplina, desde o seu surgimento no Brasil até os dias atuais. Com o intuito de mostrar as metodologias que eram utilizadas em seu bojo, e que inclusive são discutidas nas áreas pedagógicas de construção da disciplina no tempo presente, dividindo opiniões acerca das permanências no modo de ensinar a geografia dentro da escola. A nossa reflexão está pautada nas discussões sobre: a geografia escolar e suas interfaces no decorrer da história; e a geografia escolar atual, um grito por renovação ou superação? Traremos um olhar sobre o modo em que a geografia era e é tratada dentro da escola. Baseado numa pesquisa qualitativa, temos o aporte em artigos científicos além de trabalhos executados no campo desta temática para fundamentar o nosso trabalho.

Palavras-chave: Geografia escolar, Sala de aula, Prática, ensino.

Introdução

Sabemos que as diversas disciplinas que hoje estruturam e dão forma ao currículo escolar a qual conhecemos, passaram e passam por constantes modificações em suas formas de se estruturar dentro do mundo educacional. Marcadas por momentos de inovação, renovação, novas ideias, novas propostas, velhas maneiras e permanências, as disciplinas contribuem na construção do conhecimento na vida de um aluno, antes disso, um ser social que carece de atenção e de conhecimento para posicionar-se no mundo em que vive.

Tem sido desde o tempo em que a escola surgiu como escola, ainda que tenha passado por transformações em sua estrutura física e conceitual, que as disciplinas cresceram, se construíram, e que continuam a se reinventar de acordo com as constantes mudanças que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ocorrem no meio social, político e econômico, que pesam na maneira de dar a forma ao mundo em que vivemos.

Partindo disso, ao tratarmos desse assunto neste trabalho, iremos nos ater a disciplina de Geografia na escola, ou seja, um aprofundamento em conhecer a Geografia escolar tanto na atualidade, como através da verificação dos registros existentes na maneira em que a Geografia era ensinada e tratada dentro das salas de aula. Refletiremos sobre como essa disciplina foi trabalhada na escola antiga, tantos em sua história evolutiva, mais voltada no passar dos tempos, como também as suas metodologias que são marcadas por cada momento da história, em que com o surgimento de novas ideias, ou a exclusão destas, deram forma as metodologias utilizadas para se construir o conhecimento no universo escolar na vida dos alunos.

Iniciando suas explorações em sala de aula, a partir do século XIX, período que também marca o surgimento da Geografia como ciência (podemos observar essa quebra de hierarquização do conhecimento), o ensino da Geografia estava quase que centrado no seu inicial propósito, o de efetuar descrição do meu físico, terrestre, levando as pesquisas quantitativas para as salas de aula, e reproduzindo-as sem nenhuma análise crítica destas.

A partir disso, este trabalho tem como objetivo abordar um breve resumo acerca do que acontecia nas salas de aula quanto ao ensino da Geografia nos séculos XIX e XX e que ainda permanecem no século presente, com o aporte nas contribuições de diversos autores que se preocuparam em tratar dessa temática, como ALBUQUERQUE (2011), CAVALCANTI (2000), CARVALHO (1913), GONÇALVES (2010) dentre outros.

Com metodologia baseada na análise bibliográfica, iremos efetuar este trabalho através de pesquisas e leituras de artigos acadêmicos que tratem da temática em questão, para fundamentar as objeções efetuadas pelos autores deste trabalho.

A geografia escolar e suas interfaces ao decorrer da história

O advento de uma sociedade pós moderna e tecnológica, tem modificado a forma de se pensar a geografia, uma vez que novas geografias estão sendo formadas a partir deste novo jeito de conceber e entender as relações humanas e sociais. Tendo por base tais observações é preciso entender que a Geografia Escolar, não surge como algo imposta por um grupo de maior poder sobre as escolas que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

vigoravam principalmente no século XIX, período que marca a emergência dessa disciplina na grade curricular da escola. Para André Chervel:

[...] a história das disciplinas escolares não é equivalente à história das ciências de referência, dado que aquelas são construções próprias encarregadas de veicular uma cultura particular, e que está constituída por um conjunto de conhecimentos, competências, atitudes e valores que a escola se encarrega de transmitir explicita ou implicitamente aos estudantes como bagagem cultural e patrimônio comum de todos os cidadãos. (GONÇALVES apud CHERVEL, 1990, p. 00000000)

Em que podemos observar que, assim como outras disciplinas, a Geografia se deu dessa forma, mais voltada a estabelecer e sistematizar conhecimentos que seriam importantes para que os alunos pudessem conhecer um mundo em que viviam. No entanto, esses conhecimentos no decorrer dos tempos, tem sido influenciado pelos momentos em que a escola passava no território em que estava estabelecida, ou até com as idealizações que alicerçavam e davam base a ciência construída naquele momento da história.

Primeiramente, a Geografia escolar era tratada de uma forma em que esta, estava apenas encarregada de trazer os conhecimentos do que eram produzidos em outras partes do planeta, fazendo com que os alunos brasileiros fossem “desligados” de sua vivência diárias onde residiam, se distanciando do cenário político e social de onde habitavam, predominava-se uma Geografia meramente descritiva, claro, em conjunto com o que alicerçou o início da sua construção científica, temos o exemplo do significado e a etimologia da sua palavra: Geo = Terra + Graphia = Descrição, ou seja, a descrição da Terra. A primeira escola brasileira a incorporar o ensino dessa matéria foi o Colégio D. Pedro II do Rio de Janeiro, em que tentou se assimilar com os liceus franceses.

[...] quando o modelo francês de organização e funcionamento do ensino passa a ser adotado, o ensino de Geografia permanece praticamente inalterado em suas características de “nítida orientação clássica, ou seja, a Geografia descritiva, mnemônica, enciclopédica” (CAVALCANTI apud ROCHA, 1996 e PEZZATO, 2001, p.00000000).

Do ponto de vista histórico, a Geografia escolar encontrou-se em momentos de rupturas que inseriram novas propostas além de novas metodologias no processo de ensino-aprendizagem conduzida pelos os conteúdos que davam forma a essa disciplina, a exemplo, são as considerações efetuadas por Delgado de Carvalho, considerado o novo percussor da Geografia Moderna.

Especialista em desenvolver livros didáticos, além de trazer novas propostas para o ensino de Geografia, Delgado de Carvalho faz indagações acerca do modo em que essa Geografia era conduzida dentro das salas de aulas,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sempre apontando para o seu estilo mnemônico e descritivo. É nesse período do século XX que a Geografia escolar começa a dialogar com os debates ocorridos dentro das academias (momento da fundamentação da Geografia enquanto ciência), fazendo com que novos conteúdos fossem incorporados a sua base curricular.

Um dos marcos nesse período fora o declínio dessa Geografia Moderna, com a chegada da ditadura militar em nosso país, em que como afirma Albuquerque:

Esta Geografia escolar moderna vai perdurar até os anos de 1970, quando se institui no país os estudos sociais e se verifica o surgimento de uma Geografia escolar muito conservadora, atrelada à perspectiva pedagógica tecnicista. É quando entra em declínio a circulação de livros mais conservadores como os de Aroldo de Azevedo, Mario da Veiga Cabral, e também outros que já traziam uma perspectiva mais crítica como os de Manuel Correia de Andrade e Ilton Sete. Neste período outros livros didáticos passam a ser elaborados, agora destinados, especificamente, à disciplina então instituída pelo Governo Militar. (ALBUQUERQUE, 2011, p.0000000)

Mais voltada ao tecnicismo e respondendo ao sistema vigente, essa Geografia escolar agora substituída por estudos sociais, tenta abordar para os estudantes uma exaltação a pátria, além de fomentar nesses alunos o civismo oficial, além de propagar o regime em vigor.

Na atualidade, após o término do regime, além de uma nova redemocratização do ensino, o que tem definido os currículos da Geografia escolar, tanto foram as diversas contribuições da academia científica, com o surgimento da Geografia Crítica, que diga-se de passagem, ainda gera discussões sérias acerca da introdução imediata na escola, além da redefinição do estado, este muito mais atrelado a nova dinâmica global de circulação do capital, tendo como principal exemplo, a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais no anos de 1990 em concordância com o que foi estipulado pela ONU, UNESCO e o Banco Mundial (BRASIL, 2001).

É importante a breve explanação acerca desses momentos da Geografia escolar, tendo em vista que eles foram os principais alicerces em que os professores se detinham para explicar suas aulas. É evidente que toda essa maneira de se conduzir o ensino da Geografia dentro da sala de aula, está atrelado aos diversos materiais e métodos utilizados para que isso aconteça. Como citado anteriormente, o ensino era e é baseado em métodos mnemônicos, descritivos e decorativos em conjunto com a utilização de materiais que ainda conseguem fortalecer este tipo prática, sendo este o uso de livros didáticos muitas das vezes descontextualizados e separados em seus conteúdos, além de avaliações em formato de prova, que favorecem o ato de decorar os conteúdos, além



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

daquele processo em que o professor, torna-se constante nas aulas a discutir com os alunos sem que haja uma interação dinâmica, participativa e fluida no modo de mediar o conteúdo em questão.

Partindo dessas prerrogativas, ainda tem se percebido que atualmente essa maneira “antiga” de se ensinar Geografia tem continuado dentro das salas de aula em todo o Brasil, dando força ao argumento de que tanto nas escolas, como na academia, além de setores responsáveis pela propagação dos conhecimentos geográficos, e da própria pedagogia, muito tem se discutido, e muito pouco tem se feito na prática. Já que as discussões não perpassam os debates. Dessa forma, é de suma importância atentar para as questões atuais e fazer da prática uma atualização, voltada as reais necessidades dos alunos.

A geografia escolar na atualidade: um grito por superação ou renovação?

Como sabemos, atualmente tem-se uma persistência dos modos antigos de se mediar o conhecimento da Geografia, sendo eles, o mnemonismo, a descrição, além da apropriação do conhecimento pelos professores de forma decorativa e sem conexão com as realidades em que coexistimos, uma vez que por mais que as discussões e os estudos tendem a avançar na superação de tais práticas arcaicas, as mesmas persistem em continuar.

Partido para o contexto e tendo por experiência uma situação real, a sala de aula, nos deparamos com o estágio supervisionado. Ao adentrarmos em sala de aula, como parte de uma exigência organizada pelo currículo do curso de graduação em licenciatura em Geografia, na disciplina estágio curricular supervisionado, que tem como principal objetivo, realizar essa interação real entre a teoria apresentada nas disciplinas do curso, e a prática, que se constitui como o que ocorre de fato dentro da sala de aula.

Entendemos o currículo a partir da perspectiva sinalizada por Sacristán (2000), quando este afirma que:

[...] é instrumento que cria toda uma gama de usos, de modo que é elemento imprescindível para compreender o que costumamos chamar de prática pedagógica. [...] O currículo, com tudo o que implica quanto a seus conteúdos e formas de desenvolve-los, é um ponto central de referência na melhora da qualidade do ensino, na mudança das condições da prática, no aperfeiçoamento dos professores, na renovação da instituição escolar em geral e nos projetos de inovação dos centros escolares. (SACRISTÁN, p.32)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Tais reflexões sinalizadas pelo autor revelam-nos que é preciso entender a prática docente como algo dinâmico, que se recria na complexidade e dinamicidade da sala de aula e dos sujeitos nesta inseridos.

É fato que diversas transformações têm ocorrido nos currículos que dão base aos cursos de licenciatura, a exemplo a substituição dos cursos no estilo 3+1 em que os alunos passavam a maior parte do curso tendo contato com disciplinas voltadas para a ciência geográfica, e logo em seguida, passavam todo o restante do curso (1 ano) em contato com disciplinas de cunho pedagógico, como práticas de ensino, metodologias do ensino e o próprio estágio supervisionado.

Essa maneira de se cursar a licenciatura é determinante na formação dos professores, estes mais especialistas na ciência geográfica, com pouca ou quase nenhuma experiência acerca da maneira de se mediar estes conhecimentos, através dos aportes que a própria pedagogia oferece para sua formação e definitiva entrada ao mundo educacional, levando em consideração o tempo necessário para que essa formação seja efetivada de fato.

Assim, inúmeras ideias têm surgido acerca de se como mediar esse conhecimento, são contribuições que geram e despertam essa inovação dentro das salas de aulas, e que não são recentes, mas que já tem sido considerada relevantes desde o surgimento da escola, a exemplo o estudo do meio, que já foi sugerido por Elisée Reclus a alguns séculos atrás.

[...] a escola verdadeiramente liberada da antiga servidão só pode ter franco desenvolvimento na natureza. O que em nossos dias é considerado nas escolas como festas excepcionais, passeios, cavalgadas pelos campos, landas [charnecas] e florestas, nas margens dos rios e nas praias, deveria ser a regra, pois é apenas ao ar livre que se conhece a planta, o animal, o trabalhador e que se aprende a observá-los, a fazer-se uma ideia precisa e coerente do mundo exterior. (ZANARDO apud RECLUS, 2010, p.25).

Numa análise espaço-temporal podemos perceber que esse “grito” que Reclus (2010) efetuou nesse período, era mais voltado a maneira em que a sociedade era conduzida naquela época, e até a escola, esta voltada em promover o bom comportamento por parte dos jovens, numa sociedade cheia de regras e objetivos claros quando ao comportamento social, mas sendo uma contribuição que pode ser considerada atemporal.

Historicamente, as escolas se viram cada vez mais estruturadas para que conduzissem uma aula melhor elaborada e com diversas opções em materiais didáticos, foram avanços na tecnologia, como o surgimento dos projetores, das lousas-interativas, no avanço das mídias dentro da escola, como a utilização de produções cinematográficas, da própria música, além de textos e produções alternativas, aos sempre presentes livros didáticos. Temos então, o que atualmente se configura como ferramentas didáticas para



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

o ensino de Geografia. É preciso atentar para o fato que as tecnologias estão para auxiliar o processo ensino-aprendizagem (GABRIEL, 2013).

No entanto, esses aportes didáticos que estão presentes dentro da escola, não tem sido suficientes ou até inutilizados para que as aulas ocorram de forma diferenciada, em que através das nossas observações nos estágios, percebemos a permanência dos métodos arcaicos na forma de se ensinar a Geografia, tendo como principal preocupação as conclusões que tiramos (talvez precipitadas) do comportamento dos alunos mediante a estes tipos de aulas.

Então nos perguntamos, precisamos de uma superação do ensino de Geografia? Ou uma renovação? Tendo em vista que tais conceitos estão correlacionados como mudanças que correm ou precisam ocorrer no contexto em que se inserem. O que ocasiona essas permanências? O que de fato ocorre para que o novo não seja utilizado?

Sabemos que para respondermos essas questões, se torna necessário fazer uma análise alicerçada e contextualizada acerca do que acontece nas escolas e na vida dos atores envolvidos no ensino da Geografia, porque só assim teremos respostas claras, e quem sabe, conclusões que definirão os novos rumos a serem trilhados por essa nova Geografia escolar, que não se fecha por completo, mas que está disposta a sempre se adaptar as mudanças que possam ocorrer em sua estrutura.

O principal motivo dos atuais estudos na área da pedagogia da Geografia é a busca pela superação, renovação, inovação, seja qual for os substantivos que possam ser utilizados para que solicitem a mudança das maneiras de se conduzir essa disciplina dentro das escolas. Sabemos que são inúmeros os impasses, além das condições que ocasionam esses tipos de atitudes por partes dos professores em suas atividades escolares. São as condições trabalhistas, a carga-horária, os problemas de saúde, além de muitas das vezes, a formação destes que acaba sendo descontinuada, partindo do pressuposto de que, o ser professor, requer atualização e constantes reciclagens da sua carreira discente.

Para compreender toda essa dinâmica que envolve as práticas pedagógicas da Geografia, se torna necessário efetuar uma averiguação do que tem acontecido durante o passar dos tempos nessa disciplina escolar. Percebemos que as condições da sociedade em relação ao tempo-espaço em questão foram determinantes na condução dessa disciplina dentro das salas de aulas.

Considerações finais

A partir do que foi exposto, podemos perceber que com as novas propostas que tem surgido no meio acadêmico, além de termos uma

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

comunidade escolar, chega-se a conclusão que com uma nova geração de professores está sendo formada, com uma visão mais crítica acerca do ensino da Geografia. A formação que os mesmos vêm tendo, tem proporcionado uma atitude mais crítica e realista no que se refere ao ensino da Geografia, a forma como se situa no mundo, bem como olhar e transformar esse mundo.

Por outro lado, com os investimentos que vêm sendo efetuados no mundo educacional, principalmente de ordem pública, tanto nas escolas, como nos cursos superiores, teremos também professores cidadãos mais posicionados acerca do que eles querem ao ensinar a Geografia, ciência que requer uma apropriação e análise do que o mundo oferece em suas produções e reproduções, óbvio, efetuada cada vez mais constantes pelos seres humanos.

Para tanto, basta que haja uma junção de todas as pesquisas e contribuições efetuadas para esta renovação, para que, com o passar do tempo, essas novas maneiras se tornem constantes em todas as escolas, demonstrando principalmente, que elas não passam apenas de contribuições, mas que alteram profundamente na construção do conhecimento na vida dos alunos.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, M. A. M., DOIS MOMENTOS NA HISTÓRIA DA GEOGRAFIA ESCOLAR: a Geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho. Revista Brasileira de Educação em Geografia. Campinas, 2011.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília (DF), 2001 v.1; il.

GABRIEL, Marta. Educar. A (r) evolução digital na educação. -1ª ed. – São Paulo: Saraiva, 2013.

GONÇALVES, M. R. A geografia escolar como campo de investigação: História da disciplina e cultura escolar. Uberaba, 2010.

MELO, A. Á., VLACH, V. R., SAMPAIO, A. C. F. História da geografia escolar brasileiro: Continuando a discussão. Uberlândia, 2009.

SACRISTÁN, J. G. O currículo: uma reflexão sobre a prática. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. 3. Ed. – Porto Alegre: ArtMed, 2000.

ZANARDO, F. Práticas Pedagógicas Libertárias e a proposta de trabalho de campo na Geografia de Élisée Reclus. Revista Brasileira de Educação em Geografia. Campinas, 2013.